
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS INTEGRAL

ARTHUR BERNARDO CRUZ BERNARDES

**SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DO SER
ECOLÓGICO NUMA SALA DE EJA: um estudo
através do sentido da visão**

A large, abstract geometric pattern in the bottom half of the page, consisting of overlapping light blue and white shapes that form a complex, crystalline structure.

Rio Claro
2009

ARTHUR BERNARDO CRUZ BERNARDES

*SOBRE A (DES)CONSTRUÇÃO DO SER ECOLÓGICO NUMA SALA
DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: um estudo através do
sentido da visão.*

Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas.

Rio Claro

2009

372.357 Bernardes, Arthur Bernardo Cruz
B522s Sobre a (des)construção do ser ecológico numa sala de
educação de jovens e adultos: um estudo através do sentido da
visão / Arthur Bernardo Cruz Bernardes. - Rio Claro/SP :
[s.n.], 2009
50 f. : il., figs.

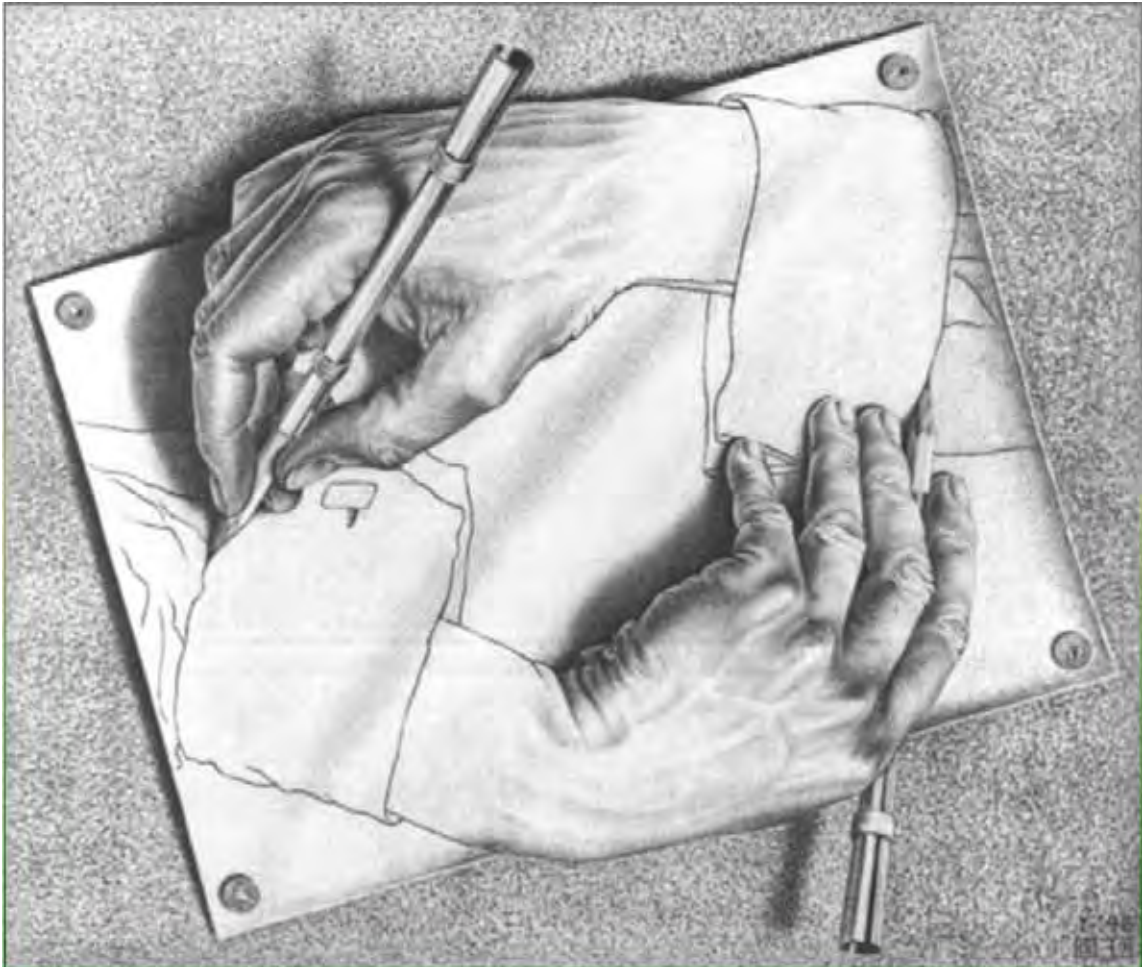
Trabalho de conclusão(Licenciatura e Bacharelado -
Ciências Biológicas) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências

Orientador: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

1. Educação ambiental. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

A todas as mãos que me desenharam...



...sou todos tentando ser alguém. Obrigado! Namasté!

“Apenas os seres humanos chegaram a um ponto em que não sabem mais porque
existem.
Eles não usam seu cérebro e esqueceram o conhecimento secreto de seu corpo, de
seus sentidos, ou de seus sonhos.
Eles não usam o conhecimento que o espírito colocou dentro de cada um deles; eles
não estão nem mesmo cientes disto, e assim caminham cegamente, em direção a
lugar nenhum.
Por uma estrada pavimentada que eles mesmos terraplenam e alisam, de forma que
possam ir mais depressa para o grande buraco vazio que encontrarão no final,
esperando para tragá-los completamente. Eu vi. Eu estive lá em minha visão e me
fiz estremecer pensar nisto”

Xamã Lakota Lame Deer

SUMÁRIO

	Página
1. INTRODUÇÃO.....	6
2. PEJA.....	8
2.1. Ouroborus: o início é o fim.....	8
2.2. A Ponte: estudando a vida pelo <i>estudo da vida</i>	10
2.3. In lak'ek!.....	13
2.4. A mesma estória de outra maneira.....	16
3. VISÃO.....	18
3.1. O Macrocosmo e o Microcosmo.....	19
3.2. Olho: a Janela da Alma.....	23
3.3. Baseado em fatos surreais.....	27
3.4. Satisfação Total.....	29
3.5. Apostando alto: Ensinaamentos do fundo do mar.....	32
3.6. Subjetividade e Interdependência.....	36
3.7. O Silêncio.....	42
4. SER ECOLÓGICO.....	45
5. BIBLIOGRAFIA.....	49

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão do ato de ensinar e aprender, pautada na noção de ser ecológico, que implica uma dinâmica complexa de interrelações pessoais e constante processo de (des)construção da própria noção de sujeito ecológico. Trata-se de um esforço para acercar-me do ser ecológico.

Esse trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro capítulo resgatei a construção inconsciente da idéia do trabalho, aquelas aulas que fui criando me levaram por caminhos desconhecidos até entender que isso seria essencial para minha formação e que, depois, acabaria se constituindo como uma reflexão. Dessa maneira, no meio do caminho, percebi que se tratava de algo muito maior: terminava minha jornada como aluno, começando minha carreira como professor, mediadas pelo Trabalho de Conclusão de Curso. A burocracia foi minha libertação.

Foram quase 20 anos aprendendo a me comportar na sociedade letrada e nesses últimos seis anos, como aluno da universidade me preparei para devolver à sociedade não-letrada o que aprendi. Esse capítulo representa uma introdução à temática que abordo, figurando como uma justificativa para a realização do trabalho e uma apresentação. No final desse primeiro capítulo apresento alguns esclarecimentos sobre o objetivo do trabalho.

O segundo capítulo versa sobre as experiências que vivenciei junto aos educandos do Projeto de Educação de Jovens e Adultos¹ (PEJA) durante 2 anos. Logicamente que não seria possível relatar todos os encontros que tive nesses anos, nem é esse o objetivo, então relatei os encontros mais relevantes que tivemos a fim de ilustrar o que encontrei na literatura e confrontar com o que vivenciei no

¹ O PEJA é um projeto de extensão financiado pela Pró-reitoria de ensino e extensão da Universidade Estadual Paulista – PROEX/UNESP. Criado em 2001 por uma ação conjunta de professores de diversos campi daUNESP. O PEJA/Rio Claro possui bolsistas e colaboradores de diversos cursos trabalhando na alfabetização de adultos em 3 turmas principais: Comunidade, Funcionários e Bonsucesso.

PEJA. Esse capítulo representa o desenvolvimento do trabalho, os caminhos metodológicos que percorri para colher os dados que organizaram esta reflexão por meio dos registros que fiz das minhas memórias e dos trabalhos feitos pelos educandos.

No terceiro, e último capítulo, discorro sobre o que entendi de tudo o que vivenciei com os educandos do PEJA e levanto alguns questionamentos sobre os ocorridos ao longo do trabalho aqui proposto. Concluir um trabalho com perguntas não é algo muito corriqueiro no meio acadêmico, mas acredito que dessa forma abro espaço para futuros aspirantes a educadores refletirem sobre sua postura e prática frente a uma sala de aula. Assim, ele representa mais do que uma discussão dos resultados e algumas considerações finais, algumas possibilidades de deslocamento de visão, quiçá, pela visão.

A escolha do gênero textual se aproxima do narrativo; isso se deu por vários motivos: esse trabalho de conclusão de curso foi feito em uma cronologia diferente, a coleta de dados deu-se no intuito de constituir elemento para uma reflexão, todas as informações aqui contidas são fruto dos meus registros pessoais, impressões que fui colhendo ao longo desses anos como educador do PEJA. A exposição em primeira pessoa tem a intenção de aproximar o leitor o máximo possível das experiências que vivi, principalmente no relato das aulas que fiz no segundo capítulo; o conteúdo da reflexão pode ser melhor discutido entre os possíveis leitores do trabalho à medida que forem se familiarizando com o texto (e com o autor também); confesso ter um estilo um pouco fragmentado porque não sou escritor, assim peço atenção ao leitor para navegar nas entrelinhas, há experiências que são difíceis de exprimir, então, que não se apegue a uma leitura aligeirada para não ficar com uma sensação simplista do texto; sou eu quem está no texto, me expus, tentei dar à escrita mais liberdade na argumentação e, assim, transmitir o máximo da experiência vivenciada por mim. Queria mais cores na presente reflexão que aqui apresento.

Nesse sentido também, a identidade de todos os educandos foi preservada. Os nomes foram suprimidos do corpo do texto, por um compromisso ético para com essas pessoas porque, quando ministrei as aulas, elas não sabiam que fariam parte de um trabalho; também porque há um compromisso nesse trabalho de ser fiel aos educandos, senão ele não teria o menor sentido de existir. Essas sensacionais pessoas me fizeram educador porque, juntos, nos fizemos mais humanos. Esse

trabalho é um relato de experiências de humanização, feito em grupo, e na forma de um ensaio. Os educandos também são autores; o autor se coloca na condição de relator.

Cabe aqui lembrar que as frases que estão entre aspas, além das devidas citações, são ditos populares e/ou falas dos educandos registradas em sala de aula.

PEJA

2.1. Ouroborus²: o início é o fim

Conhecer o PEJA foi o início de um novo ciclo na minha vida. Até então, conhecia a educação que me foi dada na escola — estudei em colégios privados tradicionais da capital paulista — não imaginava que pudesse existir um jeito de educar que desse lugar à voz do aluno. Nesse projeto de extensão conheci uma nova forma de interagir com os diversos elementos de uma sala de aula: lousa, alunos, carteiras, cadernos e professores. A possibilidade desses elementos interagirem mais profundamente foi uma verdadeira revolução na minha mente.

Até então, só conhecia o ato de educar pela pedagogia clássica: convencional, sistematizada e fragmentada; mais conhecida como educação formal. (PINTO,1991, p.29) Depois de sobreviver à provação do cursinho pré-vestibular, pensei que encontraria na universidade um lugar democrático, laico e interdisciplinar — baseado na tríade: ensino, pesquisa e extensão — que garantisse emancipação intelectual para seres integrantes da sociedade; algo como um centro de criação e propagação de saberes. Da matrícula em diante comecei a entender onde estava. Aquela educação formal voltava a me assombrar mais uma vez, e boa parte das minhas expectativas positivas foi ficando para trás, até que, no final do segundo ano

² Ouroborus é uma figura medieval que mostra uma cobra comendo o próprio rabo que representa a natureza cíclica da vida. Demonstrando que morte e nascimento guardam muitas semelhanças entre si, processos interdependentes que indicam a continuidade dos processos da vida.

de curso, pensei em abandonar o curso. Seria a Academia mais uma contradição da nossa sociedade?

Em alguns momentos me parecia uma continuação da escola, um pouco mais aprofundada, pode até parecer um pouco excessivo da minha parte, não quero generalizar um assunto tão sério, encontrei professores excelentes na universidade, mas também pude perceber que muitos preferem a condição exclusiva de pesquisadores e, sobrepondo a pesquisa à didática, correm o risco de perder-se no próprio discurso.

Tédio. Eu queria poder me expressar e estava incomodado. Sentia uma sensação de “morrer na praia” e quando me dei conta, mais uma vez, me encontrava na inércia da vida: fui para a escola porque meus pais queriam, fiz cursinho porque meus amigos faziam e, pelo medo de fracassar, passei no vestibular. Parecia o tempo todo ter uma sensação de “varrer a poeira para debaixo do tapete”. Precisava encontrar uma maneira de garantir minha realização profissional.

Não foi por falta de tentativa, fui fundo nisso tudo, refleti sobre muita coisa. Não me encontrava em nenhuma área — passei por laboratórios de histologia e fisiologia — meu futuro parecia obscuro. Com o quê eu vou ganhar dinheiro nessa vida? Tinha medo da possível resposta.

Foi assim, com a cabeça cheia de caraminholas, que conheci o PEJA. A resposta da minha vida tomou forma, se materializou; a academia tinha seus problemas, mas tinha o embrião de uma solução; por meio do processo educativo, o mesmo que vivi por tantos anos, encontrei um jeito de expressar o que sentia e me encaixar no ambiente acadêmico.

A última etapa da minha educação, o ensino superior, se mostrou como o início de uma nova etapa, uma síntese de tudo que vivi até então. Nesse caos em que minha mente se encontrava, na fronteira do inconsciente, iniciava a (des)construção da minha vida escolar.

2.2. A Ponte: estudando a vida pelo estudo da vida

Uma das coisas que mais me fascinava quando criança eram os dinossauros. Como podia um grupo de organismos tão desenvolvido simplesmente desaparecer da face do planeta? Nosso sucesso evolutivo é tão grande quanto o foi o deles e, mesmo assim, foram “varridos” do planeta. A dinâmica da vida na Terra me intrigava muito. Que tais leis da natureza eram essas que regiam os seres vivos? Elas se aplicavam aos homens?

Desde criança, também, achei muito peculiar a dinâmica da vida dos seres humanos, sentia que queria entender como esse processo acontecia na humanidade. Não sabia de onde vinha esse sentimento de estranheza, mas sentia o principalmente quando estava dentro da escola; o que me levava a intuir que a própria Educação deveria conter alguma resposta.

E assim, já que sou um ser humano, em plena crise existencial, pelas leis da natureza, eu, o autor, evidencio, pelos meus relatos, parte de minha vivência com os educandos do PEJA do campus de Rio Claro (RC) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) situada na República Federativa do Brasil (BRA).

Esse trabalho é um relato de experiência apresentado na forma de ensaio. Não tinha argumentos suficientes, na época de proposição do projeto, que delineassem o que vem a ser uma pesquisa propriamente; por isso, usei a palavra *estudo* no título do trabalho. No entanto, no meio do processo, descobri que não avaliaria o “sucesso” das atividades de ensino por mim propostas avaliando as respostas dos educandos do PEJA; constituiria um trabalho conjunto com eles. E assim, por conseguinte, tentei compreender essa dinâmica da vida junto aos educandos, utilizando minhas próprias palavras, aos vinte e poucos anos, para tentar alcançar esse objetivo.

Conheci o PEJA no final do ano de 2005; ao sair de uma aula de bioquímica, topei com uma classe diferente, adultos sentados nas carteiras e um jovem universitário no papel do professor. Que inversão de papéis tão subversiva era aquela? Não me contive e fui questionar o sujeito que ali estava. Era o Marcelo.

Ele me falou que se tratava de um projeto de extensão da UNESP. Um espaço de dupla formação: educadores e educandos trabalhavam juntos para

ensinar e aprender e vice-versa. Percebi meus olhos brilhando como há tempos não acontecia e parecia ter encontrado um espaço inusitado dentro da universidade.

Comecei trabalhando com uma turma no ano de 2006, esperançoso de que, talvez, pudesse retribuir à sociedade um pouco do que havia aproveitado até então. O desafio era grande, nunca tinha entrado formalmente em uma sala de aula, e tinha como meta ensinar o que ainda estava aprendendo sobre ciências e biologia. Os educandos do PEJA são adultos com família já formada, que tiveram, por vários motivos, que parar de estudar na idade regular, para poder trabalhar e sustentar a si e, muitas vezes, aos parentes.

No Brasil, até 2005, estimou-se que mais da metade da população brasileira não sabia ler e escrever corretamente (IBOPE, 2005) — alguns até compreendem o código lingüístico, mas não conseguem interpretá-lo ou compreender um texto simples — diante de uma estatística tão aterradora saímos do campo da educação, estamos diante de uma questão de instinto, as pessoas deixam de estudar para poder sobreviver, nos deixando diante de uma face medonha da humanidade.

Nessa condição, me inunda a mente uma única pergunta: para que serve a Educação? Aquela pedagogia clássica auxilia muito pouco o público que busca o PEJA. “A educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros à sua imagem e em função de seus interesses.” (PINTO, 1991, p.29). Não seria interessante educá-los em um formato tradicional, porque negaríamos toda experiência de vida adquirida até então. Percebi a contradição que seria formá-los à imagem da sociedade capitalista selvagem, pelo exercício de uma educação alienante, semelhante à educação que eu vivenciara até então, sendo que sonhava com uma sociedade mais justa.

Nos primeiros encontros, logo senti a distância demasiado respeitosa que os educandos mantinham de minha personagem professoral. Tanto fisicamente, por evitarem qualquer toque mais íntimo, quanto socialmente; parecia sempre envolto em um status hierarquizante. Interpretava como a condição opressor/oprimido referida por Paulo Freire bem diante de meus olhos.

Uma situação que se repete é que o adulto que volta a estudar, espera aprender do jeito que ele se lembra que lhe foi ensinado; aqui manifesta certo ânimo na rotina maçante e retoma de onde se lembra que parou, porque visava conseguir melhorar sua vida econômica e socialmente. Assim, ele espera das aulas do PEJA o que ele possuía de referencial da época de escola. É assim com todos nós: fazemos

com os outros o que fizeram conosco. Reproduzimos comportamentos a partir dos referenciais que tínhamos quando criança e adolescente.

No entanto, no dia a dia, linguagem corporal, olhares, gestos, retórica, palavras, elogios, lousa, valores, brincadeiras, crenças, toques, intenções, posicionamento político, projeções, estórias, devaneios. Tudo. Nada escapa aos olhos dos alunos.

A imagem do professor marca consciente e inconscientemente o aluno e isso me faz crer que ensinamos muito mais com nossa postura que com nossas palavras. Conteúdo e forma andam de mãos dadas no processo educativo, por isso tinha que ser coerente dentro da sala de aula e tentar proporcionar a melhor mediação possível entre aluno/professor para poder reorientar meu caminho ao longo do tempo que estaria no PEJA.

Se quisesse tentar dissolver esse estereótipo arcaico — o professor ensina enquanto os alunos aprendem — tinha que revisitar minha época de escola. Aprofundar-me no processo histórico-cultural que me fez chegar até a frente daquela lousa, entender como fui educado para evitar manias do passado e, então, desvelar minha condição de opressor que “absorvi” de meus opressores (professores).

“Temos que ser a transformação que queremos no mundo” dizia Mahatma Gandhi. Não poderia repetir todos os constrangimentos e frustrações que passei na escola, estando agora no PEJA. Percebo que uma transformação pessoal tinha começado a partir do meu medo da sala de aula e de todas as relações que ela carrega. Queria fazer diferente, mas não sabia como, por isso optei por posturas que refletissem mais espontaneidade, tentando mostrar quem eu era, fora daquela personagem que eles esperavam.

Diante do incômodo da situação adotei uma postura mais informal. Não poderia manter um diálogo cunhado na educação formal com aquela cara de universitário recém saído da casa da mãe, pareceria e soaria artificial demais, derrubando minha tentativa de me aproximar. Por outro lado, se adotasse uma figura professoral, terminaria infantilizando aqueles adultos. Até as crianças percebem um tom de dissimulação nas palavras do professor, que dirá os já vividos educandos do PEJA.

Portanto, se minha formação acadêmica se pautava nas ciências biológicas (que significa o estudo da vida) faríamos nosso trabalho partindo do estudo da nossa própria vida e, tentando expor a maneira que vivemos, fazendo aflorar como nosso

existir (enquanto organismo) opera no nosso ser (eu). A experiência de viver é o objeto de nosso estudo coletivo sempre orientado pelo sentido da visão. “Toda reflexão faz surgir um mundo. [...] que se manifesta em todas as nossas ações e em todo nosso ser [...] em todas as ações da vida social humana...” (MATURANA; VARELA, 1984)

Estava disposto a arriscar-me na ponte entre a Ciência e a Educação porque fazer ciência é uma maneira estabelecida de ler o mundo. Então, não seria possível avançar nessa compreensão do mundo a partir desse “ler”? Portanto, queria encaminhar os educandos a perceber a ciência nas suas vidas cotidianas assim como aconteceu comigo. Ao optar por esse caminho, precisei abrir o jogo e mostrar o que tinha acontecido comigo, até então.

2.3. In lak´ek!³

Quando conheci a obra de Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela (A Árvore do Conhecimento) tive uma idéia. Estava ali, em minhas mãos, uma extraordinária ponte entre a educação e as ciências biológicas. Nas minhas “voltas” pela obra li uma definição que abriu caminho para uma quase libertação. “Experiência é conhecimento transmitido através dos sentidos” (MATURANA; VARELA, 1984) Parecia tão óbvio. Pare para pensar, releia se for necessário, sinta o quanto de saber existe em tão poucas palavras: os sentidos são a nossa ponte para o mundo. Dessa forma, aprendi que a experimentação dos sentidos poderia ser a porta para o autoconhecimento. Talvez, conhecer o “por onde” conhecemos (entender como nossos sentidos operam) poderia nos transporta para dentro de nós mesmo. Dentre os sentidos, o sentido da visão se destacou de imediato. Seria veículo, instrumento, talvez mecanismo de conhecimento?

O PEJA foi meu laboratório, foi onde compreendi que tinha uma ótima oportunidade de me conhecer melhor e aprimorar quem eu era, a melhor oportunidade da minha vida, podendo colocar em prática tudo o que aprendi durante a graduação, transformando a maneira de “ler” o mundo de uma forma participativa, onde os educandos se veriam também como um “cientista”; seríamos, juntos,

³ Na língua da antiga civilização Maia quer dizer “Eu sou o outro você”; saudação que reconhece a Unidade nos Homens.

produtores de saberes. O sentido da visão foi tomando forma e por ele íamos tentar compreender como opera o nosso próprio conhecer e como construímos nossa leitura do mundo.

Uma abordagem um pouco vertiginosa num primeiro momento, mas era uma boa maneira de me aproximar dos educandos, dando mais vigor ao processo dialógico que me propus e criando uma espécie de espelho educando/educador. Resgatando os saberes dos educandos aliado aos conteúdos que apresentava construiríamos uma experiência de integração que proporcionaria um entendimento das partes que compõe o grupo. E, desse modo, os papéis se inverteriam com mais liberdade para que aprendêssemos uns com os outros (depois percebi que mais aprendia com eles do que ensinava) criando uma oportunidade diferente de experimentar a vida.

Essa forma de *tocar* a consciência das pessoas revela que podemos reconhecer o outro como um verdadeiro outro na convivência. (MATURANA, 2005) E isso acaba transparecendo em todos os âmbitos da nossa vida porque passa a fazer parte do cotidiano, pouco a pouco.

Pensando nisso, fiz uma associação que recortou positivamente o andamento do trabalho. Se mantivéssemos um diálogo entre o desenvolvimento biológico e o processo histórico de cada educando — a ontologia colocada em evidência — inevitavelmente, começaríamos a nos reconhecer como seres em constante evolução e o universo da sala de aula passaria a ser um ambiente de reconhecimento do “eu”, promovendo a exploração dos “conteúdos” através das experimentações dos sentidos.

Todos nós passamos por situações complicadas ao longo da vida, chamados “altos e baixos” esse processo constante de “ir e vir” da nossa mente que é fundamental porque nos ensina *como* experimentamos a vida. É a experiência em seu sentido amplo.

Esse constante processo de mediação entre o corpo e a mente chamo de (des)construção. Fazemos isso o tempo inteiro ao longo do dia, das coisas mais triviais, às mais decisivas, vivenciamos as experiências; refletimos sobre o ocorrido, e então voltamos a vivenciá-las de uma nova/outra maneira.

Sabendo disso, passa a ser uma questão de escolha. Posso viver essa (des)construção conscientemente ou não. Se for possível nos libertarmos de nossos paradigmas num primeiro momento e depois reconstruirmos o que éramos junto com

os novos elementos que absorvemos do que nos aconteceu, poderemos atingir um objetivo fundamental da educação.

A (des)construção é grafada assim — entre parênteses — porque são dois processos que ocorrem simultaneamente. Ao mesmo tempo em que desconstruímos aquilo que éramos vamos construindo o novo “eu” que se forma. É o processo dialético de construção da individualidade, a constante reconstrução das estruturas mentais diante das novas realidades que vão surgindo. Vivemos determinadas coisas depois comparamos com nosso referencial e, só assim, voltamos a criar uma nova estrutura mental.

Nessa diversificação das leituras de mundo, criamos novas/outras leituras do mundo (e dos outros) Esse processo nos remete à questão do *ser ecológico* que aparece no título do trabalho. A palavra “ser” possui muitos sentidos na nossa língua, mas o que debateremos aqui é a *ciência do ser* (ontologia). O “ser” aqui recebe uma conotação de *existir no tempo-espaço*. Um conjunto de experiências ao longo da vida que transformam constantemente nossa essência e, por assim, nossa existência também.

“O sujeito ecológico é um ideal de ser que condensa a utopia de uma existência ecológica plena, o que também implica uma sociedade plenamente ecológica. O ideal de ser e de viver em um mundo ecológico vai se constituindo como um parâmetro orientador das decisões e escolhas de vida (...) as pessoas que aderem a esses ideais vão assumindo e incorporando, buscando experimentar em suas vidas cotidianas essas atitudes e comportamentos ecologicamente orientados.” (CARVALHO, 2004, p.65)

Diante disso, no contexto em que vivemos hoje, dependendo muito dos recursos gerados pelo Capitalismo (agronegócio, indústria, comércio, etc.) estamos imersos em uma condição difícil de escapar. Acredito que ainda não existam sujeitos ecológicos plenos, mas pessoas em busca dessa utopia e que levam a sério essa conduta de vida, priorizando o questionamento através de uma (des)construção do e no cotidiano.

Nesse aspecto, sintetizo esse processo de (des)construção do sujeito ecológico com a expressão *ser ecológico* (existir ecologicamente). Que diz respeito ao — com o perdão do gerundismo — *estar sendo* um indivíduo mais ligado a tudo que existe na Terra (inclusive entre nós humanos). Um desenvolvimento contínuo e

ininterrupto que demanda total atenção por parte do indivíduo. A constante (des)construção das leituras do mundo é a premissa básica do sujeito ecológico.

2.4. A mesma estória de outra maneira

Por Alan "Playmobil" Pierre

“Aqui, contarei sobre alguns ótimos dias de vivência e aprendizagem que tive a algum tempo atrás participando do projeto PEJA, as motivações que me levaram a ele e como isso me afeta até hoje. Palavras não são suficientes pra descrever o quanto aprendi nos meus dias como professor, se tem uma coisa que eu me orgulho é dessa visão de troca de saberes na sala de aula, fugindo da visão de aluno como um “livro em branco” a ser preenchido. As aulas sempre foram ocupadas por senhoras com muita vivência e muito a ser compartilhado e isso é o forte desse projeto.

Atuei no PEJA durante um ano e meio, nas aulas da comunidade na UNESP, Jardim Esmeralda e Bom Sucesso, me focarei no último período onde trabalhei com Arthur durante um semestre no Jardim Bom Sucesso. Aqui gostaria de relatar as motivações que me levaram ao projeto, que foi justamente o fato de dividir quarto com o Arthur na época e sua paixão pelo projeto quando ele me apresentou, a forma como ele é orientado me conquistou.

Na época em que eu e Arthur íamos ao Bom Sucesso, nós ainda dividíamos o quarto o que facilitava o planejamento das aulas, assim como encontros para partir e horários de encontros.

No começo do semestre fizemos uma divulgação pelo bairro e, embora, muitos se mostrassem interessados e apoiassem a iniciativa poucos realmente compareceram. Mas isso não nos desanimou e enquanto tivéssemos um aluno estaríamos lá. Uma das dificuldades é que muitas das alunas têm filhos e muitas vezes elas não têm com quem deixar as crianças. No nosso caso uma das alunas tinha três filhos, a mais velha tinha oito ou nove anos, e as três crianças ficavam lá com agente na sala e muitas vezes nós dois nos dividíamos enquanto um ficava com a sala o outro brincava com as crianças, como a sala era pequena tudo correu muito bem.

Uma das aulas que mais me marcou, nesse período, foi uma das primeiras, íamos começar a falar sobre os cinco sentidos do corpo humano e nada melhor que vivenciá-los, então nós pegamos a turma, com as crianças e tudo e fomos pra rua, observar o horizonte, ouvir o trem apitar ao longe, cheirar flores e mascar folhas de Eucalipto por fim sentar, sentir a brisa passar e descrever aquilo que passa em sua mente ao contemplar tudo isso, o que se sente? Isso sim foi uma aula de verdade a meu ver.

Outra aula que me marcou muito foi quando levamos um microscópio pra sala, para trazer novas formas de visão do mundo e tentar abrir a noção de escala e união das coisas, como planeta, organismos, órgãos, células... Essas aulas com aparatos tecnológicos modernos sempre atraem muito a atenção dos alunos, tanto que convivíamos com um outro projeto ao

lado do nosso, com crianças, e elas ficaram alvoroçadas quando viram o microscópio, todo mundo queria mexer nele.

Cada aula que participei tem algo de valor que poderia ser citado e é essa visão, que obtive ao participar do projeto, que eu tenho muito apreço, ela me orienta até hoje e me traz humildade em um mundo de cientistas “pompudos”; donos da verdade. Compreender, por mais que você tenha conhecimentos, que sua vida não é a do próximo e essa lacuna de vivências já é algo a ser compartilhado, aprendido, trocado é uma vitória e eu agradeço.”

Meu amigo Allan trabalhou comigo no PEJA por um ano e juntos descobrimos muitas das coisas que apareceram nesse capítulo e por isso fiz questão de incluir seu relato no trabalho. Vivenciamos, por um tempo, a mesma experiência e nossas conversas ajudaram na confecção desse texto. Ele passou por um processo semelhante ao meu: crise com o curso, perguntas para a vida e vontade de mudar o mundo. Alguns dos subsídios necessários para trabalhar com educação.

Sendo assim, a proposta educativa aqui colocada tenta criar uma ponte entre as ciências naturais e a educação para que essa “lacuna de vivências” seja compartilhada. Essa condição orientou todo trabalho e definiu minhas reflexões baseadas nos relatos de experiência que registrei ao longo da minha experiência no PEJA.

Chegamos à pergunta definitiva que o trabalho se propõe a responder: É possível que diferentes experimentações do sentido da visão proporcionem ao educando do PEJA uma (des)construção do ser ecológico?

VISÃO

Nesse capítulo do trabalho discorro sobre os relatos de experiência de sete das aulas que julguei mais relevantes na tentativa de esclarecer o processo vivido.

As aulas foram criadas para diferentes turmas do PEJA e devido ao longo período de tempo em que foram desenvolvidas, março de 2007 até outubro de 2008, não formam uma linearidade de tempo. Dada a inconstância e a freqüência maleável das turmas, optei pelos registros que tinham maior pertinência para argumentar minhas reflexões.

Os encontros aconteceram tanto na UNESP – Universidade Estadual Paulista Campus Bela Vista, quanto no bairro de periferia do Bonsucesso, ambos na cidade de Rio Claro – SP, nas turmas: Comunidade, Funcionários e Bonsucesso.

Em todas as aulas foi utilizado um propósito para incitar as discussões e encaminhar as reflexões que possibilitaram esse processo de (des)construção que propus. Desde ilustrações, microscópios, filmes, textos, modelos, tudo o que remetesse ao sentido da visão foi utilizado para a iniciativa de (des)construção do sujeito ecológico que, paulatinamente, a cada encontro, foi ganhando novas/outras leituras pelo sentido da visão.

Durante as aulas, foram feitas anotações para compor um registro do ocorrido e, a partir deste, foi possível a retomada de cada aula e do todo das aulas para esta reflexão.

Os próximos sete subtítulos se referem aos sete eixos temáticos que se sobressaíram e foram se configurando ao longo de todo trabalho. Esses eixos temáticos apareceram em momentos e turmas diferentes e compuseram minha reflexão sobre o objeto de estudo.

Retomando o objeto de meu estudo, quero explicitar para a leitura das próximas linhas, que o sentido da visão sofre (e ao mesmo tempo possibilita) influências do mundo a todo instante, e isso nos remete à condição de ser ecológico, que, por sua vez, precisa manter uma mediação constante entre o que se vê e o que

sente e, dessa forma, criar condições para o desenvolvimento de relações com a vida.

A relação entre o sentido da visão e o sujeito reside na interdependência de um para o com o outro. Esse sentido é a principal via de troca que temos com o mundo no nosso dia a dia, as imagens que perpassam nossos olhos marcam nosso universo consciente e inconsciente revelando uma infinidade de reflexões possíveis do que é visto.

3.1. O macrocosmo e o microcosmo⁴

Imagine você no leito de morte: depois de chuva e sol; sucesso e fracasso; tristeza e alegria; luz e escuridão. Pergunta: qual é o tamanho de uma vida? Em quantos mundos estamos mergulhados?

Acredito que não importa sua idade, quantas notas “dez” você tirou na escola, para quantos países você viajou ou quantas pessoas você conheceu. Nessa caminhada aprendi a distinguir sabedoria de inteligência; encontrei crianças sábias e idosos ignorantes. Dos poucos que uniam as duas coisas, certa vez, ouvi: “Você é o que você vive!” Não dei atenção por que me julgava suficiente inteligente; pouca sabedoria para entender. Claro, quando se tem entre uma e duas décadas de vida, isso parece uma redundância e não costuma ser muito representativo. Sinceramente, até desdenhei dos que me repetiram as diversas variações do tema: “Você é o que você come”, “Você é o que você pensa”, “Você é o que você fala”. O que eu não sabia, também, é que, cedo ou tarde, a vida traria a conta.

Desde que entrei no PEJA refleti muito sobre o papel social do cientista. De que serve minha força de trabalho para a sociedade? A quem se destina? Muito insisti nesses pensamentos que, pouco a pouco, se tornaram palavras, depois deram forma a conversas, até se materializarem em leituras e idéias. Foi então que me dei conta que o PEJA é que me apresentaria a conta.

Todo meu envolvimento com um projeto de extensão me fez repensar a academia — que assume ter ensino, pesquisa e extensão como seu alicerce — que, enquanto instituição de ensino se revela um excelente centro de pesquisa; e a

⁴ Apesar de acontecer nas três turmas do PEJA este eixo temático de reflexão se destacou na turma do Bonsucesso, no período de setembro a outubro de 2007; as atividades se estenderam por 3 semanas, um encontro por semana. Na época tínhamos 5 alunas, que se revezavam na interação com os propósitos: um microscópio e uma lupa.

extensão minguando de fome. Qual era meu papel na instituição? Deveria seguir a atual conjuntura? A conta parecia ficar cada vez mais cara.

Estagiei em laboratórios, conheci pesquisadores renomados, tudo amparado por tecnologias de *primeiro mundo*. Mas os saberes ali produzidos custavam a transpor os muros da Universidade, os poucos que conseguiam levavam anos, criando um isolamento esquizofrênico que me causava uma tremenda angústia. Onde está meu retorno para o investimento da sociedade? Eu faço o que realmente gosto? A conta estava em minhas mãos.

Era hora de assinar o cheque. Tinha que ser diferente. Precisava ser a transformação que queria ver no mundo. Eu, finalmente, reconheci: tenho que ser o que vivo. Para recomeçar voltei-me para o que tinha feito até então.

Confesso que, no primeiro ano como educador, adotei no PEJA a concepção formal de ensino de ciências sem perceber o rumo que encabecei. Fiz como fizeram comigo no decorrer da vida. Parti do estudo do Universo e do Sistema Solar, ou mesmo da Terra, situei como ponto referencial para os educandos o conteúdo macrocósmico da matéria. O que passava pela minha cabeça? Nem sabia. Fiz assim, automático, sem pensar como isso fragmentou a forma de compreender minha “prática” docente, reproduzi “sem querer”.

Recorri à sabedoria popular mais uma vez, não há como “colocar o carro à frente dos bois”. Conversar sobre o Universo é tão complicado como conversar sobre atomística. Não precisava partir nem de um nem de outro. É uma questão de escolha, no início pelo menos, concordar com um domínio tão abstrato da natureza, precisa de uma série de noções fundamentais — experiências em laboratório, observação de fenômenos, construção de modelos, etc. — para poder começar a ter uma idéia do que se trata o assunto. São muitos séculos de acumulação de conhecimento para se reviver em uns poucos encontros. Por que não partir do meio? Nem do macrocosmo nem do microcosmo. Partiria, então, do indivíduo; nem acima e nem abaixo da realidade.

A idéia era simples: adaptar essas noções cósmicas para o plano material da vida. Apresentar o conteúdo a partir de uma analogia visualmente palpável que pudesse ser transportada para qualquer esfera do Cosmos, principalmente a esfera que vivemos, para o dia-a-dia, como uma ferramenta multiuso para o cotidiano das palavras, ou seja, “Ensinar a pescar ao invés de dar o peixe”. Deixar o educando perceber-se adaptado a esse universo das letras e números. Permitir que o

conteúdo das aulas fluísse de acordo com a exploração do grupo, tanto para o macro como para o micro. Mas como adaptar a ótica (perspectiva) humana para esferas micro e macro-cósmicas diante dos próprios olhos?

Lembrei que uma das coisas que mais me marcou na infância foi ver ao microscópio um corte longitudinal de *Drosophila* — aquela mosca pequenina que fica rodeando a fruteira da nossa casa — como podia estar tão grande bem diante dos meus olhos? Cada detalhe: a estrutura da boca, as articulações dos membros, as cerdas pelo corpo e os enormes olhos compostos. Aquele pontinho preto voador se mostrou tão complexo quanto aquele que o observava. Lentes que apresentam infinitas possibilidades ao toque dos dedos.

Interagir com essas infinitas escalas do Cosmos nos carrega para um estado de reconhecimento da importância de correlacionar o que acontece em nossa vida, que se assemelha ao que acontece nas outras esferas do mesmo Cosmos. Uma sensação inesquecível para os olhos que nos mobiliza profundamente.

Adultos que voltam a estudar guardam aquela curiosidade de criança como um tesouro. Suas memórias são de um valor inestimável. Foi revivendo minha própria infância que lhes apresentei o microscópio e a lupa. Marcou-me profundamente, e deveria marcar também a criança que eles guardavam tão cuidadosamente dentro de si. Os olhos falariam por eles.

Começamos conversando sobre o que poderia ser visto às lentes da lupa. Com um aumento cinco vezes maior que o normal, as impressões digitais, os pêlos do corpo e a textura da pele ganham uma dimensão atraente como uma pequenina paisagem. A lupa nos dá mais liberdade de movimento que o microscópio e por isso os educandos mantinham um frenesi de descobertas com ela nas mãos, pululando de lá pra cá, a curiosidade parecia não caber em suas mentes.

Já o microscópio foi uma surpresa mais impactante, o aumento pode chegar até 400x, uma gotinha de água guarda tantos segredos quanto um Oceano, uma pequena folha de grama possui tantas células quanto tijolos em uma casa, uma única amostra de sangue revelou milhares de componentes sólidos (hemácias); existem mundos inteiros dentro do nosso mundo e dentro desses ainda mais outros. Como o presente de um palhaço: vivemos na caixa, dentro da caixa, dentro da caixa, dentro da caixa...

O tempo vai passando: a chuva encharca, mas vem o Sol para secar; o sucesso leva nosso ego lá em cima, e lembra o prenúncio da crise; a tristeza assola,

e a alegria volta a nos contagiar; não se sabe o que é luz, antes de conhecer a escuridão; e assim vamos aprendendo as coisas do viver.

Ao longo de toda a vida vamos criando referenciais de mundo a partir das experiências que passamos e, algumas vezes, isso nos ata à realidade mundana, do cotidiano autômato — ficamos demasiado “pé no chão” — deixamos de lado aquele olhar desapegado das crianças.

Resgatando aquele jeito infantil de olhar o mundo, orientei a aula a partir da forma das coisas materiais, o conteúdo ficou, propositadamente, em segundo plano. Os educandos decidiram o que seria observado (conteúdo) porque nesse momento importa o que o educando percebeu ser possível observar através daquelas lentes. O material que estava sendo visto através das lentes fazia sentido para cada um dos educandos. As coletas de material do mundo se transformaram em conteúdo para a aula, e a modulação da visão foi ajudando na leitura do mundo.

Reparei o sorriso de satisfação de todos quando compreenderam a analogia da nossa visão como um tipo de lente modulável. Atinando que a perspectiva muda de acordo com o referencial que adotamos, cria-se uma postura de constante preocupação em adaptar nosso olhar para diferentes esferas que visitamos no caminho que trilhamos.

Nesse pequeno aglomerado de átomos que chamamos de planeta Terra, girando nos confins da Via Láctea, surgiu um organismo que aponta para o Céu e para os átomos as lentes que fabrica, e que tem esquecido de olhar para dentro de si. Já dizia Jorge Ben Jor: “O que está no alto é como o que está embaixo”. Quando voltamos nossa atenção para a realidade das esferas que nos abraçam, acima e abaixo, aprendemos uma nova forma de operar, como seres humanos esforçados em sentir o Cosmos.

3.2 Olho: a Janela da Alma⁵

Ironicamente, uma das coisas que julgava relevante e que não tinha a mínima idéia de como explicar para uma turma de adultos era, justo, a constituição morfofisiológica do olho, o fruto da minha formação acadêmica; “Casa de ferreiro, espeto de pau”.

Depois de muito lutar comigo mesmo negando a Academia que, ironicamente, me formou, enxerguei, no processo de compreensão do sujeito ecológico, a necessidade de entender o funcionamento ótico-nervoso da Visão. Sentido vital na relação do homem com seu mundo. O corpo físico habita o universo material — a visão enquanto sentido — faz menção ao universo material e é imprescindível.

Cada ser humano tem sua trajetória pessoal no processo de compreensão do sujeito ecológico e nessa trajetória construímos um mundo de símbolos e sonhos a partir de todas as imagens que entram pelos nossos olhos.

Todas as imagens, sem exceção. Esse surpreendente sentido nos propicia a base para o entendimento do que somos e para onde vamos, no domínio da materialidade. Não é à toa que existem milhares de referências populares sobre esse estimado órgão humano. “Janela da alma” foi o campeão nas referências em sala de aula. Então, seria a porta para sujeito ecológico? Um túnel que nos transporta para o “eu” e para o “outro”? Um caminho que leva para onde?

Se falamos de trajetória (ontologia) podemos inferir um processo de (des)construção dos sentidos. Tentando, de acordo com Piaget, visitar um novo *estádio* da mente. A (re)leitura do que o olho “viu” é um de tipo viagem circular: leitura da leitura... leitura do leitor... leitor do leitor.

Um pouco vertiginoso porque os educandos veriam seus próprios olhos. Um educando me chamou atenção: “Por uma porta se entra e sai”, sendo assim, o olho vê e é visto — no mundo, pelo mundo, para o mundo — de forma sempre cíclica.

Consegui um modelo alemão muito bonito — grande como uma bola de futsal — detalhado, colorido e desmontável. Perfeito. Era o melhor propósito para incitar uma discussão reflexiva na sala, todos os olhos estariam voltados para o Olho.

⁵ Esse eixo temático foi realizado nas turmas do Bonsucesso e Comunidade. No segundo semestre do ano de 2008 foram realizados dois encontros entorno desse propósito. Os alunos interagiram com o modelo (propósito) a fim de deduzir as funções das diversas estruturas (internas e externas) do olho humano.

A primeira coisa que fiz foi perguntar o que eles tinham visto ultimamente. Perguntei de uma forma bem genérica. Simples:

— Olá pessoal! Boa Tarde! Continuando nossos estudos sobre o sentido da visão gostaria de começar com uma pergunta: O que vocês têm visto?

Para minha surpresa depois da pergunta veio uma lista infindável de novelas, telejornais, programas de auditório e (claro!) *reality shows*. O verbo *ver* ganhou uma conotação totalmente televisiva. Não se vê mais nada na vida cotidiana, há realidade somente na Televisão. Tive que tentar forçar uma reação:

— Mas, vocês só veem TV? Não há outra coisa para relaxar, entreter, aprender?

Mais uma surpresa. O constrangimento foi todo meu. A resposta foi unânime: “Não! Só temos televisão, professor!” — repare o leitor que o verbo *ver* mudou, no espaço de uma pergunta, para o verbo *ter* — numa dupla jornada de trabalho com um salário de fome, sem direitos trabalhistas, a única coisa que lhes resta no fim do dia é a Rede Globo — normalmente, o único canal que sintoniza a imagem com qualidade na antena interna — fiquei deprimido em 5 minutos de aula.

Há alguns anos não possuo aparelho de televisão em casa, e só depois de alguns meses percebi o bem que isso me fazia. Assistir ao cubo-mágico (aparelho de televisão) é um verdadeiro vício. Uma “descarga” mental para “lavar” os problemas cotidianos. O desejo de consumo mascarando por maravilhosas imagens cintilantes e coloridas, pulsando às dúzias por segundo, entupindo nosso inconsciente de ilusões e padrões. Tinha que abordar o tema pelo universo da TV. Era a primeira coisa que lhes saltava aos olhos.

Tentei explicar que os olhos eram o sistema receptor de luz. É pela luz que o sentido da visão se faz, e é pela pupila que ela entra em nosso corpo, excitando as células em seu interior, que a transforma em substâncias químicas específicas, posteriormente, transformadas em diversos padrões de pulso elétrico, correm pelo nervo ótico até o cérebro. É um trajeto confuso, porém, ficou muito mais assimilável usando o modelo para orientá-los. E logo eles queriam tê-lo em mãos.

Deixei que interagissem livremente com o modelo, observei atentamente os dedos curiosos e tímidos explorando a superfície daquele imenso globo ocular. É no mínimo inusitado ter um olho humano em escala maior do que suas mãos juntas podem comportar. A riqueza de detalhes (veias, artérias, músculos e nervos) logo no primeiro contato com a peça traz a sensação de *criança com brinquedo novo*.

Quando perceberam que era possível explorá-lo por dentro, os caminhos se abriram de tal maneira que senti minha figura professoral se apagando deliciosamente.

Agora, seguros do que tinham em mãos, eles começaram a fazer diversas associações sobre a estrutura do olho e seu funcionamento. Córnea protege, íris limita a quantidade de luz, cristalino focaliza as imagens, retina recebe nosso campo visual e o nervo ótico as envia para o cérebro. Paulatinamente íamos deduzindo o que aquelas peças do modelo representavam. Até que um dos educandos fez uma analogia interessante:

— Professor, seria como se os olhos fossem a antena e o cérebro fosse a televisão?

Nesse momento percebi uma ótima analogia, mas um grande risco na maneira como o educando entendeu a formação das imagens em sua mente. Ao mesmo tempo em que o educando mantinha extrema coerência naquilo que falava, equilibrava-se num exemplo frágil. Sendo assim, argumentei que a luz que o olho capta não forma uma imagem perfeita (fiel) em nossa mente. Queria apenas deixar claro que não somos passivos enquanto observadores, não somos “brancos” como a tela do cinema, estamos interagindo consciente e inconscientemente com o que vemos. Tinha que tentar explicar ao que o educando estava tendendo.

Aqui vale um trecho do livro “Árvore do Conhecimento”:

“Atualmente, a visão mais difundida considera o sistema nervoso um instrumento por meio do qual o organismo obtém informações do ambiente, que a seguir utiliza para construir uma **representação** de mundo que lhe permite computar um comportamento adequado à sua sobrevivência nele. Este ponto de vista exige que o meio especifique no sistema nervoso as características que lhe são próprias, e que este as utilize na produção do comportamento – tal como usamos um mapa para traçar uma rota.

No entanto, sabemos que o sistema nervoso, como parte que é de um organismo, funciona com determinação estrutural. Portanto a estrutura do meio não pode especificar suas mudanças, mas sim apenas desencadeá-las. Na condição de observadores, temos acesso tanto ao sistema nervoso quanto à estrutura do meio em que ele está. Por isso podemos descrever a conduta do organismo como se ela surgisse do funcionamento de seu sistema nervoso via representações do meio, ou como expressão de alguma intencionalidade na busca de uma meta. Mas estas descrições não refletem o funcionamento do sistema nervoso em si: têm apenas um caráter de utilidade comunicativa para nós, observadores, e não um valor explicativo científico.” (MATURANA; VARELA, 2002, p.146)

Não poderia ficar implícito que somos passivos na leitura do mundo, porque, ao contrário de um aparelho de televisão que só recebe o sinal da transmissão, não vivemos como um mero receptor de imagens. Poderia levar tudo a perder.

Então rebati com uma analogia semelhante. Realmente os olhos captam o “sinal” do mundo exterior e o cérebro “interpreta” o campo de visão, porém, nossa mente funciona como o *controle remoto* e, a partir do que estamos “assistindo”, podemos mudar de canal, aumentar o volume, e até mesmo desligar a televisão. O controle remoto é nossa reflexão ativa sobre o que vemos; a iniciativa de intervenção naquilo que é visto.

Usamos o sentido da visão sobre o fio da navalha. Por um lado enxergamos o mundo material tendendo a acreditar que é a realidade absoluta (“ver para crer”) mas por outro lado não podemos achar que tudo é arbitrário porque corremos o risco de assumir um subjetivismo que nega o mundo material (solipsismo). (MATURANA; VARELA, 2002, p.149)

Se percebermos os extremos contidos na vivência desse sentido fica claro a natureza dicotômica que ele nos proporciona. Pergunta-se: Até onde isso que enxergo é real?

Essa natureza dúbia do sentido da visão é extremamente enriquecedora. Um olho para cada lado do cérebro. Disse-me o educando atento: “Dois irmãos, com naturezas diferentes”. Um olho que vê e outro que sente. Essa mediação entre o estímulo externo e a reflexão interna não pode se perder no dia-a-dia. Deve ser uma ação constante.

Na tentativa de compreender a “realidade”, o mundo mostra que nada é parado (estático), se deixarmos nossa visão se acomodar interrompemos nosso processo de (des)construção e ficamos como zumbis diante da vida — ou espectadores diante da TV — enfraquecendo a experiência de viver. Ficou claro para o grupo que era necessário “interagir” com a visão.

3.3. Baseado em fatos surreais⁶

Contemplar e refletir, hoje em dia, não tem sentido nenhum. Falam muito em “perda” de tempo. Como é possível perder tempo?

Esse foi um encontro tranqüilo e simples mas, ao mesmo tempo, intenso e complexo. Bastou uma folha de papel, um lápis e um ser humano disposto.

Sem muitas explicações pedi que saíssemos todos da sala, munidos de boa vontade e escolhêssemos um lugar especial. Assim que o encontrássemos relataríamos tudo que viesse a mente.

Não especifiquei maiores detalhes do exercício, poderia ter solicitado que escrevessem tudo que era visto, contudo, poderia virar uma listagem de coisas que passam pelo campo de visão. O objetivo não era esse, podia ficar uma coisa aleatória. Estabelecemos um tempo que todos julgaram ser suficiente e todos saíram cheios de expectativas.

Coincidentemente todos buscaram o mesmo lugar. Não perto o suficiente para conversarem ou trocarem olhares mas na mesma região do campus, no entorno do edifício universitário que acolhia nossos encontros, um pequeno bosque com mesas e bancos sob a sombra.

O ato de contemplar (obervar e refletir associados) se perdeu no acelerado cotidiano de hoje. Não se usa o tempo para compreender a vida assim, ouvimos bastante “*vive no mundo da lua*”, “*crise amotivacional*” e até “*vagabundear*”. E não é somente a proibição moral do ócio contemplativo, muito mais que isso, um abrupto tolhimento do pensar que impede o exercício criativo da mente. Sabedoria de uma educanda: “... ou somos nós que nos perdemos dele (tempo), professor?”

Primeira impressão de nada adianta se você não obtem um reflexão dela. Um pós-ver. Acredito que esse pressentimento nos seja muito útil, mas não para uma confiança cega. Seres humanos frequentemente confundem intuição com primeira impressão.

Voltando para a classe, sentamos em roda e começamos a ler os próprios relatos. Cada um o seu. Era um espanto a cada ponto final lido. A heterogeneidade das leituras da própria experiência eram estarrecedoras. Algumas poéticas, outras

⁶ O eixo temático desse encontro foi feito com a turma da Comunidade nos primeiros encontros que tive em 2007. Logo no começo do ano, para nos apresentar e interagir, trabalhei essa atividade em um grupo de 4 educandas.

detalhistas , várias associadas a lembranças, emoções fortes brotando pelos “olhos meio d’água” . Como era possível o mesmo lugar proporcionar leituras tão distintas? E como, ao mesmo tempo, os relatos pareciam tão semelhantes entre si?

Não precisei ditar as regras do jogo. Nós as percebemos nas entrelinhas da interação entre as pessoas. Não precisa ser tudo esclarecido “tim-tim por tim-tim”; miudezas destrinchadas até miudezinhas. Será que a intenção dos que participam não muda as regras do jogo?

O compartilhar dos registros das experiências foi muito enriquecedor para o grupo. Mesmo que os registros fossem completamente diferentes aos olhos dos educandos — na forma de escrever e no conteúdo do texto — eles guardavam elos de ligação. Semelhanças no tempo e no espaço que sintetizam o ser (existir). O pássaro que canta para todos, o verde das plantas e o azul do céu, o vento que acaricia e traz o perfume das flores. São essas intersecções da vida que nos dão um sentimento de pertencimento (unicidade). Cada um percebe, nas nuances da experiência do outro ante a sua; sintetizando-as. Semelhantes, porém únicas.

Quando lemos nosso próprio registro verbalizamos nossos pensamentos. Como se víssemos de fora do corpo, enxergamos como nossa própria mente opera, que caminhos nosso pensamento percorreu, e, possivelmente, vamos diluindo paradigmas. São novas/outras leituras do “eu” do “outro” e do “mundo”.

Nesse estado de reflexão, sempre em grupo, possibilitamos o confronto das semelhanças e das diferenças. Um nível de discussão que cessa o julgamento porque apreciamos observar e ser observados. Precisamos dessa mediação com os outros — que são reflexos de nós mesmos — é a dialética da contemplação reflexiva.

A polaridade revela a dualidade, os opostos representando a chave do conhecer. Semelhanças e diferenças se misturando numa dança reflexiva. A sensação da (des)construção criando saberes.

3.4. Satisfação Total⁷

Não é por acaso que as pessoas gostam tanto de assistir à televisão. As imagens mexem com nossos sentimentos de tal forma que criamos um vínculo emocional com as personagens, cenários, trilhas, etc. Como nos sonhos, temos a sensação de que estamos vivendo aquelas imagens como se fosse nossa própria vida.

Sempre gostei muito da linguagem do cinema. Acredito que ela tem muito a nos ensinar. Queria que os educandos sentissem, através dessa linguagem, que podemos sentir o que estamos vendo. Enxergar é sentir o que é visto. Mas demanda reflexão crítica.

Em *Satisfaction* (Satisfação), um videoclipe do músico (Dj) de origem italiana Marco “Benny” Benassi, percebemos uma insistente banalização da imagem da Mulher, em todas as cenas vemos um tipo de *coisificação* do Feminino, através de uma temática explícita — mulheres seminuas manifestando linguagem corporal provocativa manipulando ferramentas elétricas — o músico faz uma espécie de anúncio publicitário onde o verdadeiro produto são mulheres-máquinas. Você liga, usa-a e desliga. Uma ferramenta de prazer elétrico. Esse paralelo com objetos aparece na linguagem corporal das modelos, as roupas que trajam, e, até mesmo, o modo como manipulam as ferramentas. Tudo é imagem, tudo é mercadoria, tudo é automático, tudo é prazer instantâneo.

A trilha sonora, hipnoticamente induz a *mecanização* do corpo. Os sons “metálicos” e renitentes criam um ambiente inóspito para o relaxamento. O corpo fica alerta e prevenido. Além de uma repetição de imagem frenética e milimetricamente sincronizada com o áudio, bombardeando o espectador com cenas que tem não mais que 5 segundos, cria uma confusão mental por saturação. As ferramentas elétricas pesadas (britadeiras, serras-elétrica, furadeiras, etc.) são utilizadas num cenário de construção civil que reforça ainda mais a idéia de *mecanização* do ser humano e *automação* das relações.

Imagem e música em sincronia nos transmitem muita coisa porque é o estímulo que mais se aproxima da nossa experiência sensorial cotidiana. Sentimos

⁷ Esse eixo temático se destacou na turma da comunidade. Éramos seis na sala de aula; final do segundo semestre de 2007 em um único encontro.

como se estivéssemos participando do videoclipe. Esse forte apelo fica mais nítido quando nos reconhecemos dependentes desses dois sentidos nas relações sociais, ver/sentir e falar/ouvir tomam boa parte da nossa rotina.

Os detalhes subliminares do videoclipe são tão bem montados que seria uma ingenuidade achar que foram sem querer. O artista tem uma intenção com sua obra. Parodiando nossa grotesca realidade, ele faz uma crítica às avessas. É a arte com função de choque; conflito de paradigmas. O videoclipe acerta em cheio o inconsciente das pessoas.

Já vivemos um absurdo generalizado, a indústria cultural vende tudo que pode e quando sai de moda descarta. Será que a obra de Benny Benassi não sabota, mais do que alimenta, o padrão vigente? Ao invés de confirmá-lo, como aparece num primeiro momento, numa visão menos interessada da história?

Repare na letra, que se repete insistentemente mais de uma dúzia de vezes em 2'20'' de música, seguinte:

“Pressione-me/E então me toque/Até que eu tenha minha...
Satisfação/Satisfação/Satisfação/Satisfação”

A uma média de 120bpm o videoclipe acelera a mente. O espectador absorve um ritmo de pensamentos que contradiz completamente a condição mental de alguém que está em uma relação sexual. Não é com esse tipo de orientação sexual que homens e mulheres obterão satisfação com o sexo. Uma alegoria bizarra que faz uma crítica mordaz à banalização da figura da mulher e ao sexo *fast-food* que, com um botão de acionamento, pré-cozido, é só comer.

Em *Satisfaction* percebe-se o ápice da coisificação mecanicista que sofremos atualmente. Mas não existe uma forma de compensar esse prato indigesto?

Para isso visitamos o extremo oposto da imagem associada a sons. Uma música do conjunto brasileiro Uakiti num ritmo mais calmo. Usando retratos de paisagens que tinham a temática da água como elemento predominante — que representa, simbolicamente, o inconsciente da mente — sendo 10 imagens de paisagens do Brasil que passam numa média de 30 segundos por cena, dando tempo para o observador se demorar nos detalhes da imagem.

Perguntei aos educandos o que achavam de seus estados de espírito ao longo das duas apresentações que fiz. Em *Satisfaction* eles se relataram: agitados,

perturbados, inquietos, afoitos, etc. e nas paisagens falaram sobre: tranqüilidade, conforto, leveza, etc.

As palavras, escolhidas para definir as duas composições, deixam mais que evidente o funcionamento da mente sob a influência da imagem associada ao som. Tanto num extremo como no outro.

Expliquei para a classe que nossa mente busca compensar os extremos. E que diante do ritmo de vida alucinante que levamos é necessário que busquemos acalmar nossa mente das mais diversas formas. Seja através da meditação, rezando, lendo, conversando, etc. Precisamos recuperar nosso equilíbrio mental.

O videoclipe de Benny Benassi faz com a nossa mente exatamente a mesma coisa que a sociedade contemporânea faz com nosso dia-a-dia. Temos que buscar uma contracorrente para essa onda. Caminhar no sentido oposto pela nossa sanidade mental.

Esse *equilíbrio dinâmico* a ecologia conhece bem. Na natureza a lei é “balança mas não cai”, um poder de resiliência tremendo. Reconhecendo o “fluxo e refluxo” do processo histórico-cultural da sociedade podemos explorar aquele “jogo-de-cintura” que o brasileiro conhece bem. A natureza funciona assim: as coisas melhoram e depois pioram, depois voltam a melhorar e piora de novo; como as fases da lua.

Compreender essa dinâmica da vida nos traz tranqüilidade e paciência. Os extremos são opostos complementares e tem muito a nos ensinar. Basta olhar para a história da humanidade e percebemos que as coisas se repetem — apesar de nunca serem as mesmas — para tentar entender o momento que vivemos.

Num plano linear de compreensão parece que a coisa sobe e desce numa busca infinita pela igualdade dos opostos. Mas se colocarmos essa oscilação numa visão tridimensional vê-se uma espiral, ou seja, ciclos repetidos que se sobrepõem em espaços-tempo diferentes. E assim nossa sociedade vai buscando seu equilíbrio; nessa eterna compensação em busca do caminho do meio.

3.5. Apostando alto: Ensinaamentos do fundo do mar⁸

Conversar sobre sexo numa turma de adultos me parecia um passo muito largo. Tocar em um ponto tão íntimo não seria constrangedor? Um jovem educador teria capacidade de discutir sexualidade com adultos? Não seria expô-los? Perguntas demais é sinal de hesitação. Contrariando minhas maiores expectativas presenciei uma experiência descontraída de resultados entusiasmantes.

Durante um encontro anterior, comentando sobre os diversos ciclos da natureza no cotidiano das pessoas, percebi que todos em sala mantinham uma frequência de sorrisos discretos — aqueles de cantinho de boca olhando para baixo — sempre que compartilhávamos lembranças sobre a passagem pela puberdade e todas as indescritíveis experiências que o desabrochar da fase reprodutiva na vida nos reserva. Dos traumas aos orgasmos, nossa descoberta sexual, mesmo sendo um expoente das mazelas da sociedade, mostrou que ser adolescente nos coloca diante de um universo que reverberará dentro de nós por toda maturidade e, convenhamos, ainda bem que essa maturidade vem chegando, para sossegar todo esse ímpeto juvenil da avalanche hormonal.

Mas o que *uma noitada escondido dos pais* tem a ver com nossa compreensão de ser humano? Pergunta e silêncio. Foi o mesmo que aconteceu quando me perguntei: o silêncio profundo do inconsciente tentando se manifestar. “O esforço pra lembrar é a vontade de esquecer.” (AMARANTE, 2003) Não estávamos diante de algo muito fácil de lembrar e nesse sentido o silêncio foi um bom sinal: era a oportunidade de mediar uma coletânea de experiências sexuais muito bem encarceradas. Quando a voz do outro reproduz seus pensamentos mais profundos dizemos que o outro, literalmente, *tirou as palavras da boca*. Isso não seria uma forma de educar? (LARROSA, 2002)

Repeti a mesma idéia, para confirmar, e lá vinham os sorrisinhos e os olhares perdidos novamente. A entrada na adolescência é muito intensa, nossa taxa hormonal modifica o corpo, influencia nossa mente, manifesta uma intensa pulsão sexual, que nos incita oportunidades de experimentação do próprio sexo. (FREUD, 1920) É no dia a dia que a sexualidade de cada um se faz, e isso, paulatinamente,

⁸ Esse eixo temático de reflexão foi especial nas 3 turmas que trabalhei. Apareceram discussões muito interessantes nas duas semanas, de junho 2007 e maio de 2008. Os educandos comentaram esse encontro repetidas vezes ao longo do ano.

volta a modificar nosso corpo. Esse ramo da ontologia se repete, sem muitas variações, ao longo de todas as adolescências que nós relatamos no grupo. Os educandos revelaram detalhes dessa intensa dinâmica que nos acomete com descontração, afinal, são muitas flores desabrochando no decorrer de diversas primaveras.

Assim, ficou mais claro que precisava me aprofundar na temática da sexualidade. Tanto para mim, que não sabia bem como abordar o tema, quando para eles, que me mostraram a relevância das experiências quando falamos de sexo. Pensei, repensei e depois pensei mais um pouco. Minhas próprias vergonhas esbarravam na minha futura aula. Mas os tabus sexuais da sociedade não poderiam ser um entrave na nossa (des)construção do ser ecológico. Como levar o tema até a sala de aula sem inibir e ao mesmo tempo ser provocativo suficiente para que falassem de suas experiências? Isso tudo permeado pela minha intenção de incentivar o respeito mútuo e a aceitação dos diversos comportamentos sexuais presentes na sociedade global contemporânea.

Queria expor como cada um deles entendia sua sexualidade. Em todos os sentidos: biologicamente, emocionalmente e, por que não, espiritualmente. Mas como incitar a discussão se mal sabia como a sexualidade dos meus educandos operava no cotidiano. Nas minhas andanças literárias, veio ao encontro do tema, uma única palavra: Peixes. Era isso, um texto curto e direto que focasse um ponto crucial nas discussões sobre ser ecológico: a liberdade individual.

No encontro seguinte fiz a partilha dos peixes de Eduardo Galeano; seguinte:

Peixes

Senhor ou senhora? Ou as duas coisas ao mesmo tempo? Ou às vezes ele é ela, e às vezes ela é ele? Nas profundas do mar, nunca se sabe.

Os meros e outros peixes são virtuosos na arte de mudar de sexo sem cirurgia. As fêmeas viram machos e os machos se transformam em fêmeas com uma facilidade espantosa; e ninguém é alvo de deboche nem acusado de traição à natureza ou à lei de Deus.

Optei por uma conversa em roda. O contanto visual num primeiro momento poderia inibir a exposição de opiniões e relatos, mas ao mesmo tempo cria um clima

mais informal para a o diálogo entre as partes. Estávamos todos atônitos; Eduardo é curto e grosso.

O texto suspende nossas certezas. Mudança de sexo espontânea? Ainda mais corroborado pela Natureza? A surpresa é imediata e plena. Provoquei um pouco mais:

— Não só peixes! Répteis, anfíbios e muitos outros seres vivos mudam de sexo espontaneamente. De uma hora para outra.

Bastou para a discussão ficar acalorada. Como pode os animais mudarem de sexo? Enquanto “cientista”, podendo dar ainda mais “veracidade” para um fato aparentemente bizarro, criei uma confusão mental tremenda no grupo. E logo veio a pergunta que eu tanto esperava:

— Mas as pessoas não são seres vivos? Então, elas podem trocar de sexo também?

Pronto! Estava lançada a sorte. A partir daí começaram os questionamentos mais íntimos; dentro de cada um de nós naquela sala. Silêncio novamente.

Perguntei se eles achavam que o sexo tinha só o viés reprodutivo porque isso era peça chave no entendimento do texto. Para o ser humano, todos concordaram que existe a questão do prazer envolvido na relação sexual. Como muitos alunos possuem uma educação religiosa cristã tinha que abordar sem impor ou julgar. Poderia levar tudo a perder.

As revelações começaram a se fazer muito discretamente, mas logo apareceram aqui e ali. Amigos homossexuais nunca revelados, frustrações amorosas, desejos reprimidos, zoofilia, assédio sexual de parentes próximos... Junto a tudo isso, muitas dúvidas e muitos tabus iam se diluindo no grupo e humanizando-nos; uma deliciosa homogeneização das mais heterogêneas possíveis. Pouco a pouco íamos entendendo como, um e outro, se relacionava com essas memórias e, conseqüentemente, como a própria sexualidade se fez através das manifestações das experiências ao longo da vida.

Mas foi com a ressalva de que a sexualidade de cada um, por mais inusitada que seja, respeita as leis da Natureza, que a discussão subiu a um patamar frenético.

O sexo é uma experiência que engrandece nosso entendimento de nós mesmos e que nos proporciona prazer — mesmo depois de anos cheios de

complexos e pudores — então não poderia contrariar a natureza humana. Uma experiência tão fecunda só podia ser algo proibido e imoral nesses tempos.

Perceber que a orientação sexual do outro é algo digno de respeito é fundamental. “Dessa água não beberei!” é um ditado que beira a ingenuidade; que bloqueia e exclui.

Houve também a discussão se a sexualidade se resumia à penetração ou se outras modalidades como abraços, carícias e beijos poderiam ser interpretados como uma relação. Todos concordaram que um beijo muitas vezes pode ser muito mais íntimo que o ato sexual propriamente dito.

No final das contas, foi muito importante perceber que, independente de como a sexualidade de cada um se manifesta — o prazer, a dor, o amor, o ódio, o orgasmo e a transcendência — devemos respeitar-nos acima de qualquer coisa. Mesmo que não compactuemos com tal prática ou comportamento, afinal, somos todos *obras de Deus* ou *filhos da Natureza*; como melhor lhe convier. Existimos como seres humanos antes de figurarmos como homem ou mulher. Na *escala de valoração* que considero, nossa condição humana precede em muito nossa orientação sexual.

Assim como muitos, percebi que aprendemos sobre a diversidade no entrelaçar dos corpos. Durante o curso universitário me abri, cada vez mais, para experiências que proporcionaram compreender cada vez mais meu corpo e o corpo dos outros. Mas foi um processo árduo, porque cresci numa sociedade onde o sexo é banalmente vendido a toda esquina; a indústria pornográfica disponibilizando dezenas de milhares de títulos por mês e uma fugaz masturbação pode ser estimulada em pouco tempo pela Internet. E assim, de forma muito controvertida e descontextualizada, aprendi sobre minha sexualidade e percebi a necessidade de trazê-la à tona nesse momento PEJA.

Aprendemos todos juntos. Sexo é uma ligação tão intensa com o outro que cria um terceiro ser. A união dos opostos complementares é uma divina síntese do casal, assumindo que, todo ser humano, possui um aspecto feminino e outro masculino da mente seja homem ou mulher. Yin e Yang em pleno movimento. Anima e Animus em perfeito estado de cooperação. Sem pretensões ou expectativas; aproveitando o máximo que o presente pode dar.

E isso me fez acreditar que é no compartilhar, ou seja, na experiência de conviver diferentes processos de construção da sexualidade, que ampliamos nossa

condição humana; o objetivo do sujeito ecológico propriamente dito. Simples como o sexo, mas complexo como o caminhar da sexualidade nos dias de hoje, afinal, nas profundas do mar, nunca se sabe. Quase perde-se o foco da visão. O que é ver, afinal?

3.6. Subjetividade e Interdependência⁹

Ter a certeza suspensa por uns poucos segundos pode ser aterrador mas, num segundo momento, muito engraçado também. Habitados àquela forma de fazer/agir identificamos imediatamente quando levamos uma solapada da mente racional.

No instante inicial acreditamos plenamente naquilo que estamos vendo e, de repente, numa guinada, a perspectiva fica vertiginosa. Perder o referencial a que tanto estávamos acostumados é uma das formas mais duradouras de conhecer.

E é exatamente o que o artista holandês Maurits Cornelis Escher faz com nossa perspectiva do mundo. Desvanece-a.

Comecei distribuindo uma imagem para cada um dos educandos. Inclusive eu fiquei com uma. Fizemos um primeiro contato visual para familiarizar-nos com a imagem — se é que isso é possível nas obras desse artista — Espanto, alegria, surpresa, indignação, ansiedade; nunca vi tantos sentimentos em tão pouco tempo. Uma verdadeira avalanche de sensações tomou conta da turma e logo começou um burburinho, que se transformou numa conversa, que virou uma algazarra; uns contando as descobertas para os outros. Tive que intervir.

Pedi que não comentassem mais sobre suas figuras e só trocassem com o colega ao lado até que todos tivessem visto todas. Depois disso orientei que cada um escolhesse a ilustração que mais gostou e que contasse uma história baseada no que sentiu daquilo.

Foi então que minha maior surpresa veio. Todos os detalhes da ilustração eram imediatamente associados e transformados em histórias que refletiam exatamente o que cada um guardava dentro de si dentro daquele tema. Os

⁹ Em julho de 2008 tive um contato mais profundo com a obra de Escher e em agosto de 2008, durante 2 semanas, esse eixo temático de reflexão norteou positivamente a idéia de escrever um TCC voltado para a Educação de Jovens e Adultos.

desenhos eram como um reflexo do que a pessoa sentia dentro do tema que a obra abordava. Uma identificação profunda com o que havia de mais íntimo nas intenções do artista.

O artista consegue arrancar as certezas do observador tirando-lhe o que há de mais seguro: a perspectiva. Nossa visão tridimensional — par de olhos frontais - no encéfalo — nos garante uma noção de volume e profundidade muito nítida. Vemos o mundo como ele parece ser (especialmente) e acreditamos piamente nisso. Daí vem um dos fatores que mais influencia nossa obediência cega ao sentido da visão. A ilusão de ótica surpreende nossa mente e aguça nossa criatividade. “*Dá vontade de sair desenhando, né?*” comentou um educando. O aparente paradoxo nos aproxima dos outros por que nesse instante dividimos a perplexidade que nos acomete. Trocamos experiências e vimos que não somos tão loucos assim quanto parecia ser no começo da atividade.

Essa sensação de movimento e continuidade — processo cíclicos que acontecem na natureza — das obras de Escher, vem dos detalhes. Povoam nosso inconsciente. A aparente desconexão entre os elementos da ilustração na verdade escondem uma interdependência das partes que a compõe.

Quando desdobramos a experiência para o mundo das palavras e, posteriormente, comparamos com as palavras/experiência do outro, sentimos que o sentido da visão nos reserva segredos que valem para todos os seres humanos. A curiosidade de tentar entender o que está se passando na nossa visão, comparada a do outro, desperta a vontade de conhecer o conhecer.

O educando se torna sujeito e, ao mesmo tempo, objeto daquela experiência. A mesma vertigem das ilustrações. Aprendemos a tentar entender como funciona nossa mente na troca de experiências do que foi visto.

Nessas quatro obras (Figuras 1, 2, 3 e 4 — Páginas 35, 36, 37 e 38) fica nítida a intenção do autor de sensibilizar por meio da subversão da perspectiva. Os educandos construíram histórias baseadas nas imagens que escolheram e assim relatavam seus sentimentos mais confusos com relação à vida.

Nada acontece por acaso, pois não existe o acaso, já que acaso é simplesmente um termo dado a um fenômeno existente e do qual não conhecemos a origem. Nesse aparente “caos” em que nossa mente se encontra diante das obras de Escher vivenciamos um intenso processo de (des)construção porque percebemos a intensidade e a diversidade da “realidade” que nos acomete.

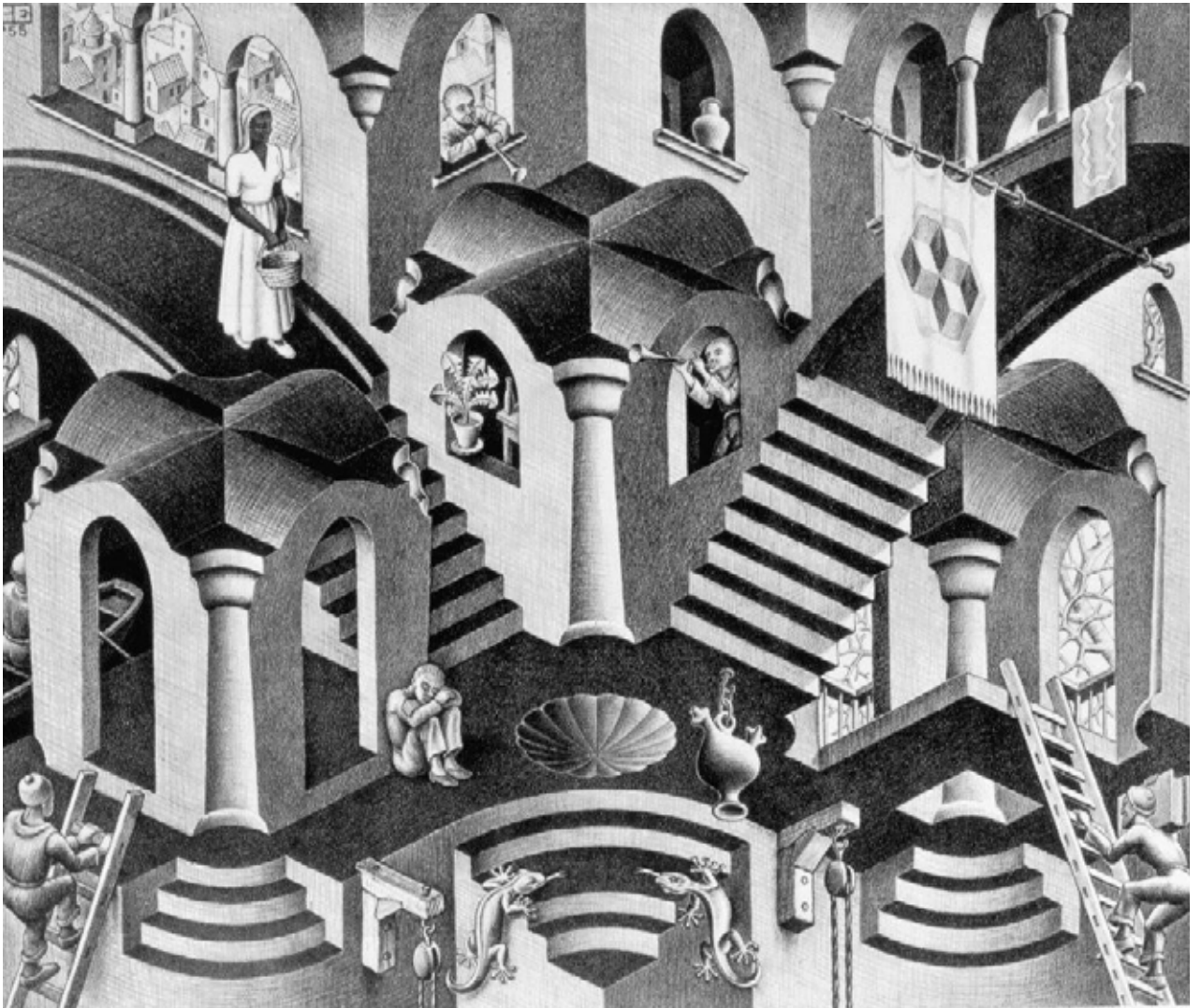


Figura 1. (ESCHER, M.C. "Côncavo e Convexo" 1955, Litogravura)



Figura 2. (ESCHER, M.C. "A Fonte" 1961, Litogravura)

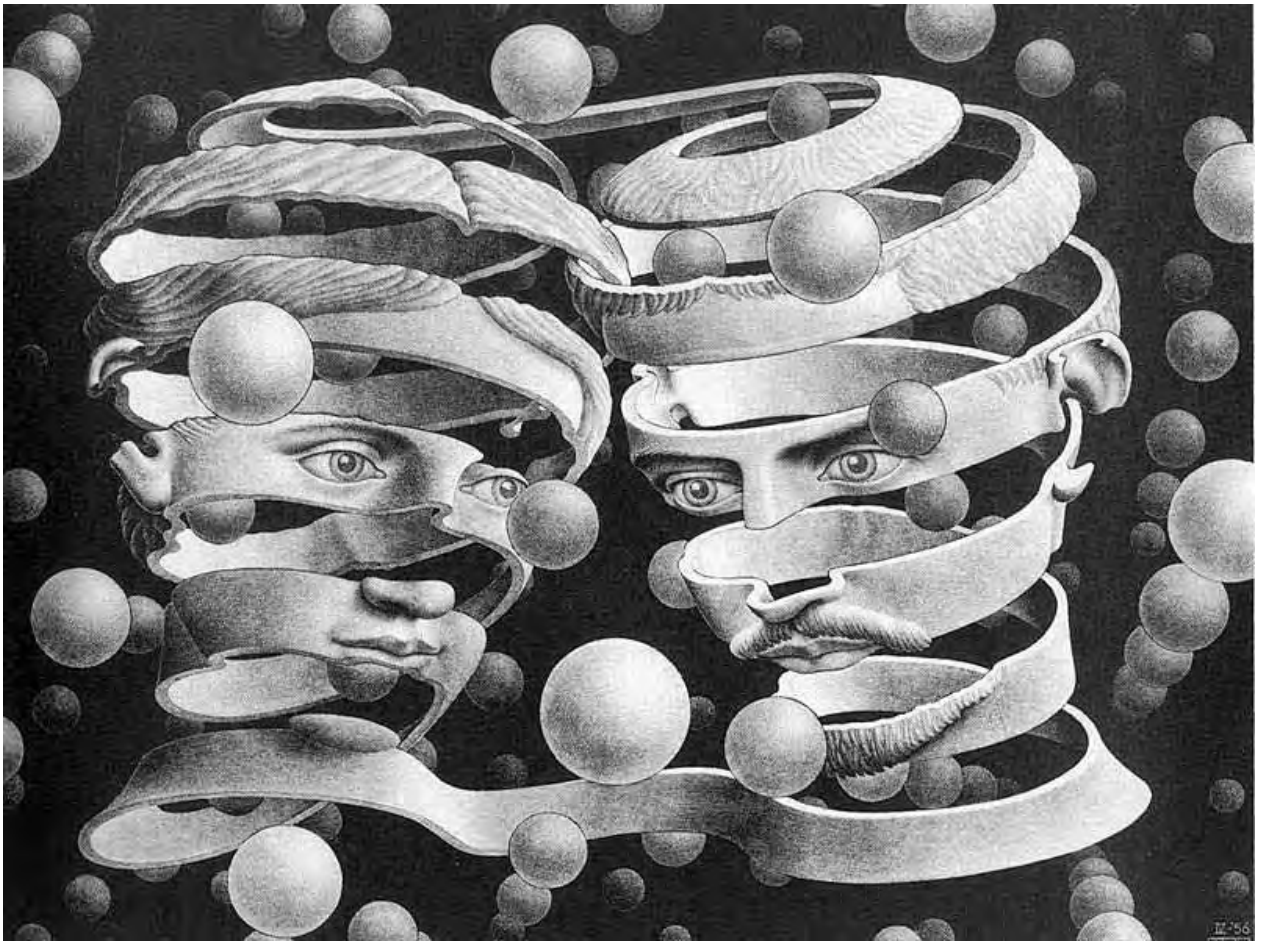


Figura 3. (ESCHER, M.C “Bond of Union” 1956 Lithograph)

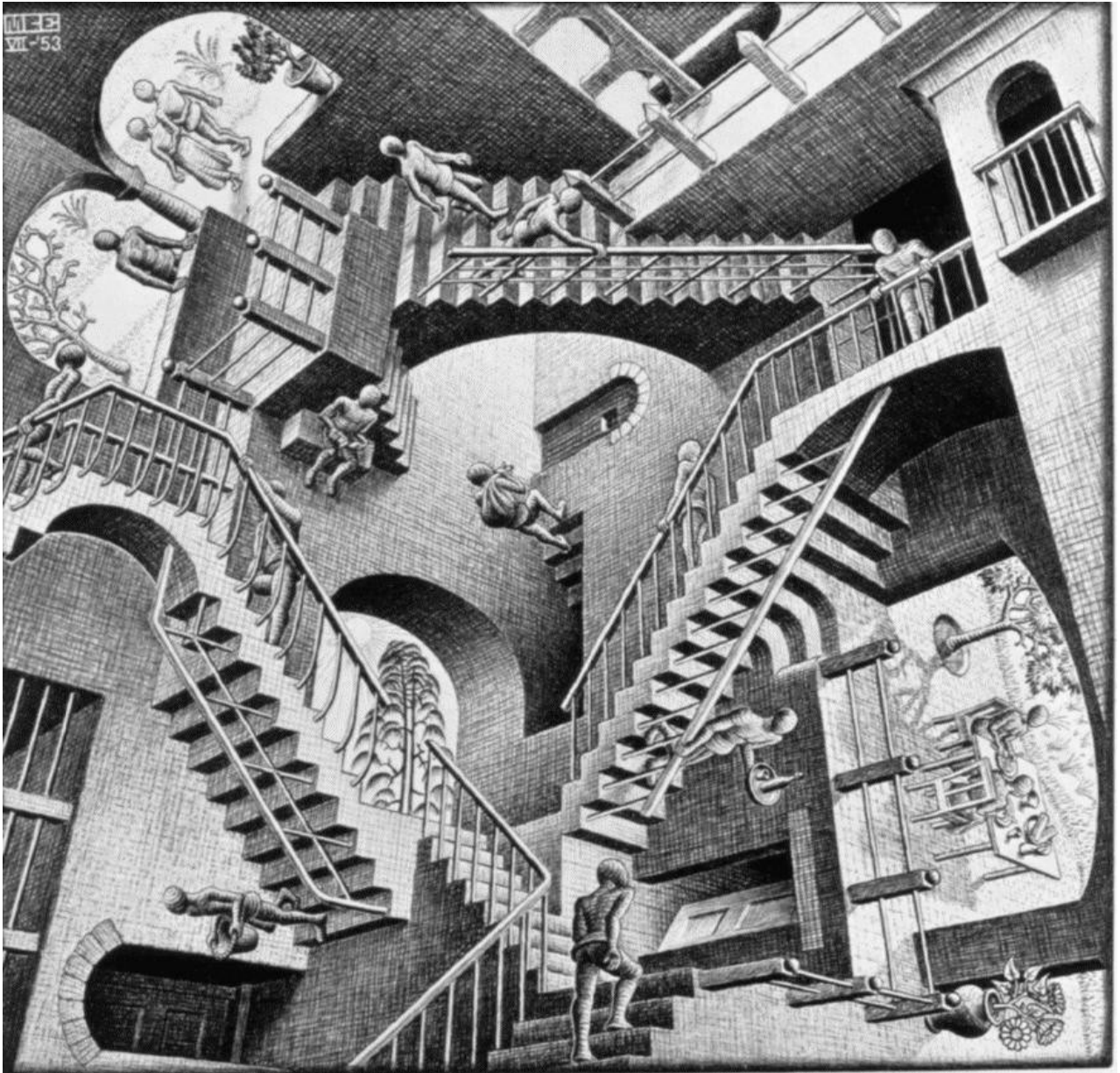


Figura 4. (ESCHER, M.C. "Relatividade", 1953, Litogravura)

3.7. O Silêncio

Gostaria que o leitor apreciasse o seguinte poema. Faça algumas respirações tranquilas e sinta cada palavra. Depois anote algumas poucas linhas sobre sua primeira impressão. Boa viagem!

O APANHADOR DE DESPERDÍCIOS

Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas.

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que as dos mísseis.

Tenho em mim esse atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios:

Amo os restos

como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.

Porque eu não sou da informática:

Eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor os meus silêncios.

Manuel de Barros

Em novembro de 2008, no último encontro que tivemos, trabalhei com a turma dos Funcionários essa poesia de Manuel de Barros. Queria dar um fechamento significativo para aquele ciclo de experiências que passamos juntos, cá pra nós, foi uma tremenda experiência e pensei, de alguma forma, em algo para presentear-los e que, ao mesmo tempo, pudessem lembrar com carinho desses momentos. Algo para sintetizar a essência dos encontros.

Sáímos da sala de aula e procuramos um lugar tranquilo e arborizado para ler em grupo e conversar sobre o que percebemos, pensamos, sentimos e lembramos ao longo daqueles versos. Uma conversa informal. Para curtir.

Sentamos nos banquinhos do bosque. Distribuí os textos e fizemos uma primeira leitura individual. Esse primeiro contato individual com o texto mostrou-se muito importante, percebi que é o *momento* que criamos nossa primeira impressão das palavras, um *instante* “Eureka!” — percebi aquele “brilho d’água” nos olhos de quem acabou de compreender um pouquinho mais da vida — sem interferência dos outros alunos e do professor, nós, mesmo que seja lá no fundo, acreditamos na nossa própria pessoa, confiamos não só no instinto de preservação mas, também, naquela intimidade mais profunda já quase inconsciente.

Precisamos confiar nisso pela nossa sanidade mental. Seja diante de uma situação extrema — uma *situação limite* que coloca seu Ego “em cheque” — seja no interior de uma sala de aula — uma situação que se propõe a escutar o próximo — Não há como negar ser o instante mais rico da aprendizagem porque é o mais limpo, cru e fronteiro. O primeiro olhar. Terminada a leitura: silêncio.

Depois uma segunda leitura em voz alta, cada um lendo do seu jeito e em seu tempo. Pedi que prestassem atenção como cada um lia, para tentar perceber a entonação mudando e interferindo na compreensão. Percebíamos novos elementos do poema a cada leitura. Tamanhas as surpresas, entre palavras tão simples e cotidianas, que as leituras vão ficando cada vez mais inesperadas. Essa constatação animou muito o grupo. Fechado o círculo de leitura: sorrisos.

O contato com o *Apanhador de Desperdícios* foi um momento muito especial para a turma. Meus olhos se abriram de um jeito que nunca tinha sentido antes. Primeiro pela simplicidade dos versos, que compõe um todo maravilhosamente engendrado. Palavras simples, sem rodeios, e muito tocantes.

Os educandos são os verdadeiros “apanhadores de desperdícios”, nesse dia fiquei perplexo. Todo meu caminho até então me fez voltar para o início; a pergunta do meu trabalho. Seriam eles o emblema do sujeito ecológico que tanto buscava? Será que todo meu esforço para desvendar os caminhos da mente, pelo sentido da visão, estava o tempo todo diante dos meus olhos?

O educandos do PEJA possuem a humildade e a sabedoria, necessária talvez para que o cientista se liberte de seus paradigmas. Será que precisamos “treinar” nossa mente de uma forma tão sistematizada? A simplicidade do viver nos ensina muito do que precisamos; sem isso, perdemos boa parte do que aprendemos. O que tinha acontecido até então? Esse trabalho me proporcionou mais questionamentos do que respostas.

No final daquela tarde aprendi uma coisa muito importante. Que me fez voltar às reflexões sobre meu trabalho. Aquela tarde me mostrou a sabedoria que o passar da vida nos ensina. Então, usaria as palavras para compor meus silêncios. Agora era preciso parar e voltar. Eles me ensinaram o maior segredo do ser ecológico: perceber o outro.

Se fosse possível escolher um “resumo” para a (des)construção do ser ecológico, seria essa poesia de Manuel de Barros. No silêncio de cada um estão todas as respostas. Basta silenciar a mente que a alma começa a falar. Inteligência fluindo com sabedoria.

SER ECOLÓGICO

Agora que tinha em mãos todos os registros e vivências precisava sentar e escrever. Entrei em um novo ciclo desse trabalho quando tentei refletir sobre os registros daqueles anos vividos no PEJA.

Lendo tudo o que escrevi, percebi a diferença que faria a opção por um texto narrativo. Meus registros eram narrativos e expressavam o que eu sentia dos encontros que tive com as turmas. A forma de escrever as reflexões influenciaria significativamente na apresentação final desse trabalho e proporcionaria uma maneira para o leitor se aproximar dos meus sentimentos. Ficava muito perturbado com a linguagem acadêmica porque ela não permite o acesso de todos. Como fazer diferente?

Não poderia cair na ingenuidade de confiar em um discurso em “linguagem acadêmica” — termos científicos em excesso, expressões incompreensíveis, clichês, etc.; artifícios lingüísticos que a Academia historicamente cultua e propaga — o trabalho ficaria tão distante da proposta quanto o professor formal fica de seus alunos. Decidi que a narrativa me aproximaria do leitor da mesma forma que uma abordagem dialógica aproxima educador e educando. Queria que meu trabalho fosse para além da universidade, para que meus educandos pudessem “aparecer” nesse contexto da Universidade.

Acredito que o leitor tenha percebido meu esforço em tentar traduzir a vivência que tive no PEJA e todos os desdobramentos que isso causou em mim. Não é muito fácil para um recém-formado construir um texto que se aproxime das experiências de sala de aula e ao mesmo tempo dialogue com os teóricos que já estudaram esses mesmos pontos de vista.

Nesse sentido acredito que não precisamos chegar a respostas definitivas. Essa é uma reflexão que tentou levantar questionamentos sobre o ensino de ciências, biologia, ecologia e, mais recentemente, educação ambiental. Não seria

muito lógico que ele se encerrasse nele mesmo, trazendo soluções miraculosas para a educação e para os educadores.

Aqui foram relatados pensamentos, frustrações, sentimentos, devaneios e indignações; tudo isso pode ser um apoio para os futuros interessados em trabalhar com a educação de jovens e adultos. Ou, pelo menos, uma inspiração.

Aqui, também, tentei apontar algumas questões pertinentes à educação de jovens e adultos; expondo a problemática do analfabetismo em nosso país e a falta de iniciativa do Estado em querer saná-lo. O PEJA visa à formação pessoal de seus educandos, buscando alternativa ao Estado — que oferece uma educação formal na rede pública de ensino — e não só garantir um diploma para pessoas analfabetas, que lembra os tempos de MOBRAL na ditadura (PEREIRA, 2008), mas garantir uma formação profunda.

Deixo aqui uma reflexão para quem se dispôs a ler meu trabalho. Realmente é necessário haver uma distância tão grande entre a teoria e a prática na Educação? E entre a ação e a reflexão? Entre o “ver” e o “sentir”?

A “escola da vida” ensinou muita coisa para as pessoas que não puderam freqüentar a escola e, mesmo assim, elas compreendem conteúdos que só conheci na faculdade. Não seria, então, muito mais “como” entender as coisas do que “quanto” entendemos delas? Obter as ferramentas necessárias para a aplicação do conhecimento ao invés de tentar obter tudo do conhecimento?

Diante da possibilidade reflexiva da (des)construção do ser ecológico o educando (e o educador) se viu enquanto sujeito e objeto da sua experiência, em um movimento cíclico para identificar como os olhos vêem o mundo e aproximando-o de si e do mundo.

Se a Educação de Jovens e Adultos se pautar na aquisição de um diploma, que vende a idéia de ascensão econômica, o preceito básico de fazer educação se perde. Se o processo educativo estiver direcionado para os interesses da sociedade atual teremos educandos que almejam o padrão de vida das classes sociais abastadas, que, por sua vez, é propagandeado na mídia e vendido como solução para a vida. Então cai por terra boa parte do processo de educação e, conseqüentemente, do ser ecológico.

Apesar de aspirarem ao diploma do ensino fundamental para “melhorar” de vida, os educandos percebem que o desenvolvimento da consciência deve ser o foco principal de estarem no PEJA. O resto é conseqüência.

Dessa forma me dispus a tentar, através desse ensaio, retirar o véu existente no sentido da visão e possibilitar uma nova/outra leitura do mundo e de si.

Colocando o educando no centro da experiência reflexiva, tirando-o daquela inércia passiva que ficamos diante da televisão, trazendo o cotidiano à tona. É, também, pelos olhos que sentimos, julgamos, observamos, contemplamos e amamos. Será que nossa sociedade dá a devida atenção para esse sentido?

Assim, vi a importância que a sabedoria popular, aliada aos novos saberes produzidos pelas futuras gerações, possui para nossa vida. Dessa maneira, mediando o passado e o futuro, poderemos construir uma sociedade um pouco mais justa e equilibrada.

Construí esse trabalho com a intenção de que meus educandos do PEJA pudessem um dia lê-lo. Mesmo sabendo que isso é muito difícil, porque os trabalhos acadêmicos estão muito distantes da realidade dessas pessoas, ainda tenho esperança. Odeio o pressentimento do risco desse trabalho acabar na prateleira da biblioteca juntando poeira.

Se partirmos do pressuposto que experimentamos o mundo na sua plenitude, sendo muito comum esse tipo de afirmação, totalmente legítima, mas, ao mesmo tempo, ingênua. Não tem outra forma, insistimos nessa forma de pensar por que é ela que nos garante mais conforto para o automatismo da mente. “Eu sou assim!”

É um pouco arriscado afirmar com segurança que enxergamos tudo que nos passa pelo campo visual. Não podemos ceder à tentação de acreditar piamente em tudo que vemos sem antes refletir sobre aquilo que é visto. Existem padrões culturais envolvidos na nossa compreensão do campo visual que desafiam nosso pensamento, como, por exemplo, a forma como fomos instruídos na escola a entender o campo visual. O importante é que não priorizemos o ver em detrimento do pensar, e vice-versa, são ações conjuntas que devem se complementar na busca por um entendimento maior do mundo e do que chamamos de “eu”.

Portanto, “tendemos a viver num mundo de certezas, de solidez perceptiva não contestada, em que nossas convicções provam que as coisas são somente como as vemos e não existe alternativa para aquilo que nos parece certo. Essa é nossa situação cotidiana, nossa condição cultural, nosso modo habitual de ser humano.” (MATURANA, VARELA, 2001, p.22)

Se não considerarmos a experiência como algo revelador, que nos diz mais do que podemos perceber, nos deparamos com um beco. Parece difícil assumir

isso, mas depois que nos damos conta, dessa possibilidade, não há como voltar atrás. Esse caminho desnordeado que orienta o pensamento ocidental cria uma angústia no momento de fazermos escolhas. Precisamos criar nossa própria forma de conhecer o conhecer, que possibilite um fluxo de mão-dupla para a cognição humana, para nos libertar desse caminho aparentemente sem-saída “... toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, enraizado em sua estrutura biológica, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao outro, numa solidão que (...) só é transcendida no mundo que criamos junto com ele.” (MATURANA, VARELA, 2001, p.29)

Dessa forma, este trabalho propôs que o educando perceba essa circularidade e transforme sua forma de entender o mundo visual e a sua própria imagem. Para isso as práticas de sala de aula tentaram resgatar experiências cognitivas vividas através de experimentações dirigidas pela visão.

“Essa circularidade, esse encadeamento entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, nos diz que todo ato de conhecer faz surgir um mundo. (...) todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer.” (MATURANA, VARELA, 2001, p.33)

Concluindo, acredito que todas essas vivências em grupo que tive no PEJA repercutirão nos educandos como repercutiram em mim. Meu esforço sempre veio no sentido de demonstrar que é possível ser um observador ativo no mundo, reflexivo e atento, fazendo da (des)construção seu cotidiano e construir o cotidiano através de uma (des)construção. Talvez esteja aqui, nos arredores desse esforço, um vislumbre da noção do que pode ser pensado como ser ecológico.

5. Referências Bibliográficas

CARVALHO, I. C. de M. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo, Cortez, 2004

ESCHER, M.C. Disponível em: <http://www.mcescher.com/> Acessado em: 25/07/08

FREIRE, P. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**, São Paulo, Cortez, 1984.

LARROSA, J. **Nietzsche & a Educação**; traduzido por Alfredo Veiga-Neto, Belo Horizonte, Autêntica, 2002.

MATURANA, H. R.; VARELA F. J. **A Árvore do Conhecimento: As Bases Biológicas da Compreensão Humana** 6ª ed. São Paulo, Palas Athena, 2007.

MENDES, M. I. B. de S; NÓBREGA, T. P. **Corpo, Natureza e Cultura: contribuições para a educação**; ANPED (Revista Brasileira de Educação) nº27, 2003.

PEREIRA, M. D. **Movimento Brasileiro de Alfabetização: um estudo a partir de experiências vividas por educandos e contextualizado historicamente**. Rio Claro: UNESP, 2008.

PINTO, A V., **Sete lições sobre a educação de adultos**. 7ª ed., São Paulo: Cortez, 1991. Médicas, 1995.

Bibliografia Consultada

ALVES, R., **Conversas com quem gosta de Ensinar**. São Paulo: Ars Poética, 2005.

BIZZO, N. **Ciências biológicas**. In: **BRASIL**. Ministério da Educação, 2008.

CAPRA, F. et. al; STONE, M. K.; BARLOW, Z. (orgs), **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano: Artes de Fazer**, 2ª ed. Petrópolis, Vozes, 1996.

CHAUÍ, M.; FREIRE, P. et. al; BRANDÃO, C. R. (org.), **O educador: vida e morte**. 12ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1982.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos: A escrita de Si**, Paris, Ed. Du Seuil, 1983.

FREUD, S., **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FUTUYMA, D. J. **Biologia Evolutiva**, 2. ed. FUNPEC-RP, Ribeirão Preto, 1986.

GARDNER, H. **Inteligências Múltiplas: A teoria na Prática**. 1ª ed. Porto Alegre, Artes

GALEANO, E., **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. 7ª ed., Porto Alegre: L&PM, 2003.

GUTIÉRREZ, F; PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**; 4. Ed. São Paulo, Cortez, Instituto Paulo Freire (Guia da Escola Cidadã, v. 03), 2008.

JACQUARD, A., **Da angústia à esperança: lições de ecologia humana**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, C. G., **O desenvolvimento da personalidade**. 4ª ed., Petrópolis: Vozes, 1961.

LEVI-STRAUSS, C., **Antropologia estrutural dois**. 4ª ed., Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

LEVI-STRAUSS, C., **O suplício do papai noel**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G., **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MATURANA, H., **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**, 12ª ed. São Paulo, Cortez, 2007.

MAY, R., **O homem à procura de si mesmo**. 9ª ed., Petrópolis: Vozes, 1982.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia Ciência (Die Fröhliche Wissenschaft)**. "Grandes obras do Pensamento Universal" Escala, São Paulo, 1995.

QUINO, **Potentes, prepotentes e impotentes**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

RANCIÈRE, J., **O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual**. 2ª ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2002.